

Cerrado pode se tornar Reserva da Biosfera

■ Decisão ajudaria a salvar a savana mais rica do mundo em biodiversidade da destruição que avança rapidamente

KRISTINA MICHAELLES

BRASÍLIA — Com 200 milhões de hectares espalhados por 11 estados da federação, o cerrado ostenta vários títulos: é o segundo maior ecossistema da América do Sul, a savana mais rica em biodiversidade do mundo — só na área de Brasília, já foram identificadas 233 espécies de orquídeas — e, também, a região que mais rapidamente está sendo destruída. Só 1,5% de sua área está sob preservação ambiental. Em janeiro, porém, a Unesco poderá dar uma boa notícia: ao conferir ao cerrado o status de Reserva da Biosfera, a exemplo do que ocorre com a Mata Atlântica.

A intensa ocupação do Planalto Central com a transferência da capital e o boom da agricultura numa região de clima ameno, topografia boa e terra barata provocaram sérias transformações e iniciaram o processo de degradação. Há 15 anos, não se plantava um único pé de soja na região. Hoje, a colheita do Centro-Oeste é responsável por metade da produção brasileira. A pecuária extensiva deu lugar às monoculturas. A mecanização pesada compactou o solo e acelerou a erosão. As raízes das plantas tendem a ficar superficiais. Sem a proteção da cultura vegetal, muitos rios e córregos tiveram seus cursos d'água alterados. "A redução do potencial hídrico já começa a ser um

problema no Plantalto Central", adverte o diretor de pesquisas do Ibmama e presidente da ONG Funatura, Bráulio Dias.

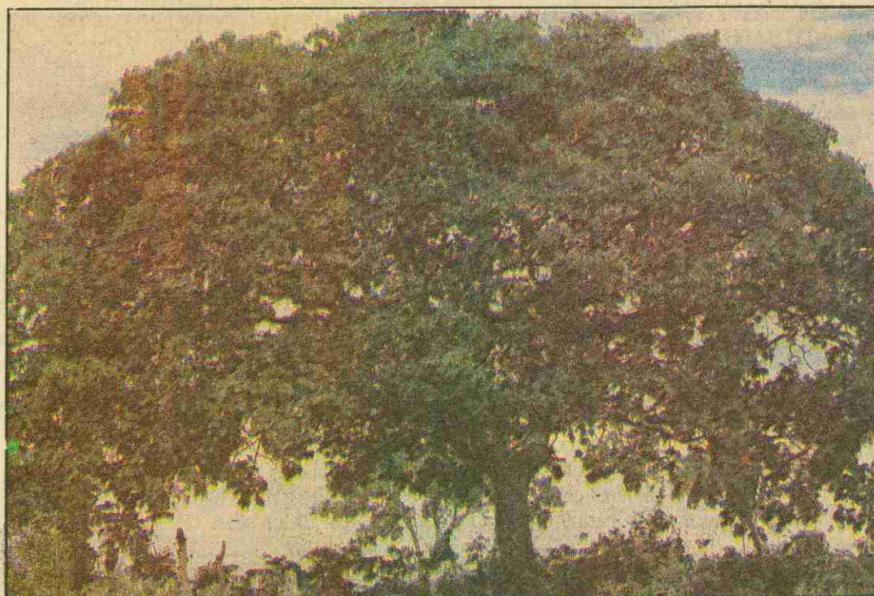
Pouco valorizado — Ao contrário da Amazônia, que atrai as atenções do mundo inteiro e que é considerada patrimônio natural pela Constituição, o cerrado tem sido pouco valorizado, critica a botânica Anajúlia Heringer. Diretora do Jardim Botânico de Brasília — área de 4.500 hectares de vegetação nativa dentro da capital federal — Anajúlia tem dedicado 24 horas de seu dia ao Projeto Biosfera.

"No mundo todo, só há 300 reservas da biosfera, num total de 162 milhões de hectares. É crucial que o

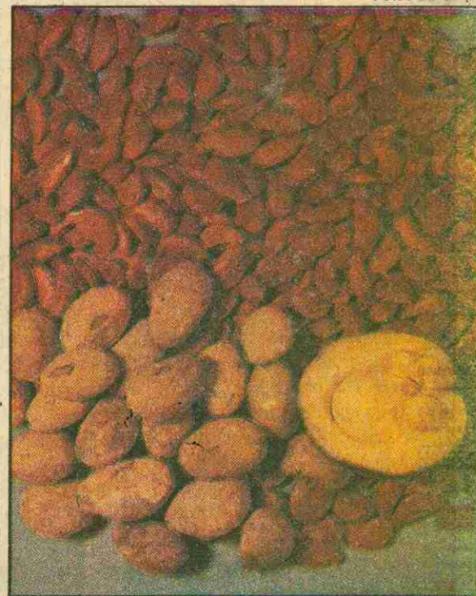


O cerrado se estende por 11 estados

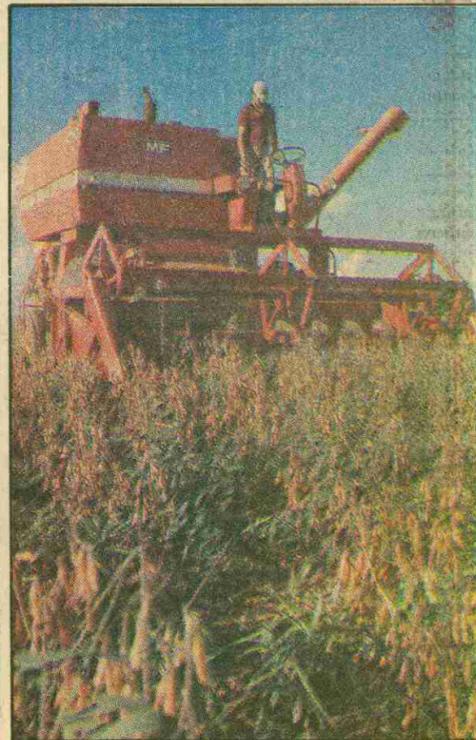
cerrado passe a ser visto como região prioritária", defende Anajúlia. A idéia é juntar várias reservas descontinuas que já existem dentro do Distrito Federal e estão devidamente mapeadas e fotografadas: o Parque Nacional, a Estação Ecológica de Águas Emendadas, ao nordeste, e a Estação Ecológica do Jardim Botânico.



Os frutos do pequizeiro (Caryocar brasiliense), árvore enorme nativa do cerrado, servem para extrair óleo e para fabricar licores



Fotos Embrapa

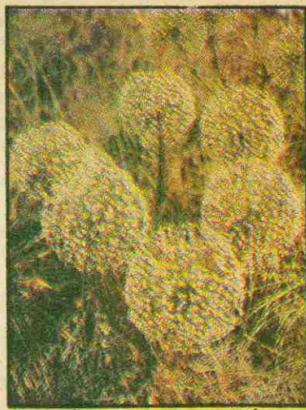


Espécies como o buriti, palmeira que nasce em pontos úmidos e cuja polpa dá refrescos e doces, são ameaçadas pela monocultura da soja

Campanela Neto

Embrapa: alternativas

Novas possibilidades de exploração econômica começam a surgir no cerrado. Depois de concentrar durante anos sua pesquisa em técnicas de correção de solos — sobretudo através de fixação de nitrogênio — para aumentar a produtividade da lavoura, a prioridade número um da Embrapa agora é o levantamento das espécies nativas da região. Entre elas, as frutíferas mangaba e pequi, plantas usadas para ornamentação como o *paepalantus* ou pali-pali, sem falar em diversas espécies com poderes medicinais, como a jalapa.



Paepalantus: ornamental

plantas de fora, como a própria soja, e não o contrário", diz Bráulio Dias, diretor de pesquisas do Ibmama. Agora, a Embrapa desenvolve projetos que possam alavancar o extrativismo na região. "A idéia é selecionar plantas com características melhoradas e estimular a possibilidade de plantio consorciado entre as diversas espécies, ou seja, descobrir quem é que se dá com quem", diz o pesquisador José Felipe Ribeiro, debreado sobre um estudo de recuperação de área degradada em matas de galeria. Um dos principais instrumentos para uma exploração mais racional da região será o zoneamento do cerrado.

Livro mostra toda a riqueza da região

SÃO PAULO — Com a intenção de chamar a atenção para a necessidade de preservação da área e de catalogar "um material inédito que, com a base de informações científicas, pudesse servir de reflexão sobre o imenso potencial e significado da região do cerrado", o Lloyds Bank, em conjunto com a Edições Alumbamento, lançou no Museu da Imagem e do Som a exposição e o livro *Cerrado: Vastos Espaços*.

A pesquisa para o livro foi feita durante cinco meses sob a orientação de cientistas e biólogos. A equipe de quinze pessoas, incluindo fotógrafos, viajou vinte mil quilômetros buscando imagens do cerrado. Com a rigorosa orientação científica, o biólogo Ulisses Caramaschi acabou descobrindo duas espécies animais ainda sem registro, o *odontophrinus* e a *Hyla ericae*. O projeto, financiado pelo Lloyds, custou US\$ 350 mil. O livro, com 252 páginas e 170 fotografias, será distribuído para clientes do banco. Os interessados podem encomendá-lo a um preço de US\$ 50.

Segundo o cientista Aziz Ab'Sáber, que participou da elaboração do livro, "cerca de



46% da cobertura original do espaço ecológico dos cerrados foram eliminados", como consequência do "imediatismo e da selvageria" no sistema de produção agrária. Para ele, "a vegetação do cerrado conseguiu a façanha

ecológica de resistir às queimadas, renascendo das próprias cinzas. Não resiste, porém, aos violentos artificios tecnológicos inventados pelos homens, ditos civilizados."

O desenvolvimento rural sustentado, como foi definido pela FAO, deve preservar a qualidade da água e do solo, além dos recursos animais e vegetais, garantindo um retorno econômico e social. Para a antropóloga Bertha Ribeiro, o desenvolvimento sustentado no Brasil só será alcançado se for "invertida a orientação das políticas públicas, que apoiam a concentração da propriedade da terra e incentivam a monocultura de produtos com colocação rentável no mercado externo". O resultado é a "exploração depredadora dos recursos naturais do cerrado".

O biólogo Luiz Emygdio de Mello Filho, da UFRJ, acredita que as decisões políticas e econômicas do manejo agrícola do cerrado dependem "do conhecimento da região, de seus problemas e de suas potencialidades". Por isso, ele defende a continuidade pelos botânicos do levantamento das espécies ameaçadas para que eles possam orientar as pesquisas sobre o melhor uso do solo. (Mônica Dallari)